

A construção de sentido em três discursos políticos: coesão e relações retóricas

Fátima Oliveira
moliv@letras.up.pt
FLUP/CLUP (Portugal)

Fátima Silva
mhenri@letras.up.pt
FLUP/CLUP (Portugal)

Purificação Silvano
msilvano@letras.up.pt
FLUP/CLUP (Portugal)

António Leal
jleal@letras.up.pt
FLUP/CLUP (Portugal)

Luís Filipe Cunha
luisfilipeitecunha@gmail.com
FLUP/CLUP (Portugal)

Idalina Ferreira
idalinaferreira9@gmail.com
CLUP (Portugal)

Para a Prof^ª Graça Pinto, com apreço e consideração.

ABSTRACT

This paper reports the analysis of the processes of meaning construction in three speeches of Marcelo Rebelo de Sousa that were produced in a short period of time, although in different contexts. These speeches reproduce genres that circulate in the domain of political discourse and, in their analysis, we make their conditions of production and their global plan explicit. In

addition, the most frequent cohesion mechanisms, the rhetorical relations associated with those same mechanisms and their contribution to the textual organization and meaning construction are identified. In general, our analysis shows that, although with different production contexts, the three speeches use to a large extent the same textualization mechanisms to ensure cohesion, with an emphasis on lexical reiteration, direct anaphor and structural parallelism. However, discourse markers, which function as cue-words for the inference of rhetorical relations, occur with an apparent low frequency. In their absence, other linguistic units/ structures provide the information needed to establish rhetorical relations. For instance, there is a connection between structural parallelism and discourse markers, as the former is more frequent when the latter are less used. Our analysis not only led to the identification of a set of rhetorical relations (at the content level and structure level) that are relevant to the construction of the text meaning, but also to the conclusion that, typically, the same rhetorical relation can rely on different mechanisms of cohesion and, conversely, the same cohesion mechanism can trigger different rhetorical relations.

KEYWORDS

cohesion devices, rhetorical relations, political discourse

RESUMO

Neste trabalho, analisam-se alguns processos de construção de sentido em três discursos de Marcelo Rebelo de Sousa, realizados num curto espaço de tempo, embora em contextos diferentes. Reproduzem géneros que circulam no domínio do discurso político e, na sua análise, são explicitados, para cada texto, as condições de produção e o plano global. Para além disso, são identificados os mecanismos de coesão mais frequentes, quais as relações retóricas associadas a esses mesmos mecanismos e qual o seu contributo para a organização e construção de sentido dos textos. Em termos gerais, a análise mostra que, embora com contextos de produção distintos, os três discursos recorrem, em grande medida, aos mesmos mecanismos de textualização para assegurar a coesão, sendo de destacar a reiteração lexical, a anáfora direta e o paralelismo estrutural. No entanto, os marcadores discursivos, que funcionam como palavras-pista para a inferência de relações retóricas, apresentam uma frequência relativamente baixa, sendo outras unidades/ estruturas linguísticas a fornecerem a informação necessária para o estabelecimento das relações retóricas. Assim, por exemplo, verifica-se uma relação complementar entre paralelismo estrutural e marcadores discursivos, pois, quando há menor número de marcadores discursivos, é mais frequente a utilização desse tipo de paralelismo. A análise efetuada permitiu não só identificar um conjunto de relações retóricas (ao nível do conteúdo e ao nível da estruturação do texto) relevantes para a construção de sentido do texto, mas também concluir que, tipicamente, uma mesma relação retórica pode usar mecanismos diferentes de coesão e, inversamente, um mesmo mecanismo de coesão pode marcar diferentes relações retóricas.

PALAVRAS-CHAVE

mecanismos de coesão, relações retóricas, discurso político

1- Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns processos de construção de sentido em três discursos de Marcelo Rebelo de Sousa, temporalmente próximos, mas produzidos em contextos de atuação comunicativa distintos, correspondendo à realização de diferentes géneros textuais: o manifesto eleitoral (9/10/2015), o discurso de tomada de posse (9/03/2016) e o discurso presidencial de comemoração do 25 de abril (25/04/2016).

Trata-se de géneros que circulam na esfera da atividade política, pertencendo, por conseguinte, ao que, de forma global, se designa como discurso político (cf., e. o., van Dijk, 1997; Charaudeau, 2005; Fernández Lagunilla, 2009; Amossy & Koren, 2010; Dontcheva-Navratilova, 2011; Marques, 2014; Ramos, 2014; Soares, 2019), um tipo de discurso que, de acordo com Charaudeau (2002: 7), “possibilite, justifie et transforme l’action politique”, sendo a designação dos géneros que nele se integram resultado da finalidade comunicativa central que preside à sua seleção¹.

Partimos do princípio de que os géneros de texto correspondem a “instrumentos disponíveis e necessários para a organização da linguagem em unidades de comunicação em textos” (Miranda, 2017: 315) e de que “qualquer texto corresponde a uma unidade comunicativa global, que reproduz de forma mais ou menos rígida ou mais ou menos criativa, um modelo (contextual e organizacional) a que se chama género (de texto)” (Coutinho, 2019: 37), implicando a sua análise a consideração de aspetos de natureza contextual, temática e organizacional (cf., e. o, Coutinho, 2019: 40).

Deste quadro decorre a definição dos objetivos centrais deste estudo: i) explicitar as condições de produção de cada texto, ii) estabelecer o seu plano global; iii) analisar alguns dos mecanismos de coesão mais frequentes nos três textos, iv) verificar que relações retóricas podem ser inferidas quando esses mecanismos de coesão estão presentes, e v) explicitar o contributo dos mecanismos de coesão e das relações retóricas para a organização estrutural e semântica dos textos.

À prossecução destes objetivos está subjacente uma metodologia de natureza descritiva e qualitativa, que se processa em quatro etapas interdependentes, cuja consecução está na base da estrutura proposta para

¹ Miranda (2010: 94) e Rosa (2020: 67) justificam desta forma a denominação dos géneros textuais em geral.

este artigo: explicitação das condições de produção dos três discursos, tendo em conta a esfera da atividade social da sua comunicação; delimitação da organização temática de cada um dos textos com base na segmentação das suas macroestruturas; análise do contributo de alguns dos mecanismos de coesão mais recorrentes para a textualização e a construção das macroestruturas textuais; análise das relações retóricas marcadas por elementos/ estruturas linguísticas presentes em alguns dos mecanismos de coesão; discussão dos principais resultados da análise e considerações finais.

2- As condições de produção dos textos

As condições de produção de um dado género e, em consequência, dos textos empíricos que configuram a sua adoção e adaptação a um contexto comunicativo concreto, são um elemento central na sua análise, em interação com o seu conteúdo temático e composicional (cf., apenas a título de exemplo, Bakhtin, 1984; Bronckart, 1996; Coutinho, 2003).

Neste trabalho, seguimos a proposta de Bronckart (1996) no que diz respeito à consideração das componentes que se integram nas condições de produção. Assim, na tabela 1, explicitamos o contexto físico da produção dos textos em análise, correspondente às coordenadas espaço-temporais e pessoais; o contexto socio-subjetivo, que estabelece o(s) objetivo(s) comunicativo(s) e o posicionamento social dos participantes e da situação de comunicação; e ainda o conteúdo temático, que delimita o conteúdo global dos textos.

Tabela 1 – Condições de produção dos textos

		Manifesto eleitoral (T1)	Discurso de tomada de posse (T2)	Discurso comemorativo do 42.º 25 de abril (T3)
Contexto físico	Lugar da produção	Celorico de Basto	Assembleia da República	Assembleia da República
	Momento da produção	09/10/2015	9/03/2016	25/04/2016
	Emissor	Candidato à Presidência da República	Presidente de República	Presidente de República
	Recetor	Os portugueses	Figuras institucionais e público	Figuras institucionais e público
Contexto socio-subjetivo	Lugar social	Media	Quadro institucional da atividade política	Quadro institucional da atividade política
	Posição social do enunciador	Cidadão candidato a um cargo político	Chefe de estado, figura de autoridade e credibilidade	Chefe de Estado, figura de autoridade e competência
	Posição social do destinatário	Potenciais eleitores	Agentes da atividade política, dirigente de um órgão de soberania, cidadãos	Agentes da atividade política, dirigente de um órgão de soberania, cidadãos
	Objetivo(s)	Convencer o destinatário das suas qualidades e credibilidade para o cargo	Justificar o compromisso assumido, discutir a sua legitimidade em função da Constituição e apresentar um programa para a atividade institucional	Celebrar um acontecimento significativo para o país como “oportunidade para o exercício do poder político institucional” (Marques, 2014) e apelar a uma mudança de atitude
Conteúdo temático	Macroestrutura semântica	Organização temática dos textos		

Como se depreende da leitura da tabela 1, podemos concluir, de modo sumário, que, ainda que os três textos circulem na esfera da atividade política, há maior proximidade de T2 e T3, por oposição a T1, no que diz respeito ao contexto físico e socio-subjetivo, dado que os parâmetros considerados nas condições da sua produção são idênticos, embora a finalidade comunicativa seja claramente diferenciada em cada um dos textos, o que tem consequências sobre a forma como se organizam tematicamente.

3- Organização temática dos textos

A análise da organização temática pode ser realizada com base na delimitação do plano de texto² que configura cada um dos textos analisados. Embora o entendimento deste conceito varie em função de diferentes propostas teóricas, pode, por exemplo, ser concebido como um resumo do texto, no quadro da delimitação da proposta de infraestrutura textual de Bronckart (1996), ou como um mecanismo da estrutura composicional, um dos cinco planos da organização textual proposta por Adam, que tem um papel central na composição macrotextual do sentido e pode ser mais ou menos convencional (Adam, 2002, 2005, 2013). Ainda que não se esgote nele, o conceito de macroestruturas semânticas, na linha de van Dijk (1980), é articulado com o de plano de texto por Coutinho (2011), pela possibilidade que oferecem de “conceber/reconhecer um plano de texto através da identificação de blocos dotados de unidade temática” (Coutinho, 2011: 198).

Baseando-nos nestes dois conceitos, procedemos a uma análise global do conteúdo de cada um dos textos, delimitando o seu plano com base nos blocos temáticos correspondentes a macroestruturas de nível hierárquico diferenciado, que dão a ver, por um lado, a estruturação tópica do texto e, por outro, a sua segmentação. O resultado dessa análise é esquematizado na tabela 2.

² Para uma análise circunstanciada deste conceito, nomeadamente tendo em conta diferentes propostas teóricas, cf., e. o., Silva (2016) e Rosa (2020).

Tabela 2 – Organização temática dos textos

<p>Manifesto eleitoral (1400 palavras)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A finalidade do discurso (1.º§) 2. Reflexão e decisão (2.º§ - 19.º§) <ol style="list-style-type: none"> 2.1. A reflexão (2.º§ - 16.º§) <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1. O que 'eu' faço (2º§ - 5º§) 2.1.2. Competências adquiridas com base na experiência (6.º§ - 16.º§) 2.2. A decisão (16.º§ - 19.º§) 3. O anúncio da candidatura (20.º§)
<p>Discurso de tomada de posse (2588 palavras)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Razões do compromisso: Portugal como pátria, lar (1.º§ - 6.º§) 2. Saudações (7.º§ - 12.º§) 3. A constituição (13.º§ - 38.º§) <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Portugal feito por soldados e civis: breve retrospectiva histórica (13.º§ - 16.º§) 3.2. Breve incursão histórica (17.º§ - 20.º§) 3.3. O papel do Presidente da República (21.º§ - 24.º§) 3.4. Os valores da constituição (25.º§ - 33.º§) 3.5. Estado de Direito (34.º§ - 38.º§) 4. Os desafios do mandato (39.º§ - 55.º§) 5. Programa do mandato (56.º§ - 72.º§) 6. Encerramento do discurso – razão do compromisso: a pátria (73.º§ - 85.º§)
<p>Discurso comemorativo do 42.º 25 de abril (1992 palavras)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Saudações (1.º§ - 2.º§) 2. A História da Revolução (3.º§ - 8.º§) 3. Desafios (9.º§ - 61.º§) <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Identificação dos desafios (9.º§ - 28.º§) 3.2. Soluções (29.º§ - 61.º§) 4. Apelo aos portugueses (62.º§ - 70.º§)

De uma forma global, podemos assumir como macroestrutura global de cada um dos textos o próprio título, que, para além da nomeação do género, delimita e sintetiza, em termos máximos, a macroproposição global de cada texto, dando pistas sobre o seu conteúdo temático, isto é, gerando, por via da pertença a um género com certo grau de convencionalidade, expectativas quanto aos tópicos do texto.

Por outro lado, a organização temática do texto não pode ser dissociada da sua textualização, que é abordada na secção seguinte.

4- Alguns mecanismos de coesão relevantes para a textualização

No contexto da proposta de Bronckart (1996), os mecanismos de textualização são, juntamente com a infraestrutura textual e os mecanismos enunciativos, uma das componentes da arquitetura textual, sendo responsáveis pela coerência temática do texto. Para Adam, a textualização resulta da tensão existente entre operações de segmentação, que funcionam a um nível de descontinuidade, e de ligação, que asseguram a continuidade (Adam, 2013: 25), permitindo uma interação entre a progressão e a repetição, as quais geram o tecido textual e contribuem para a coerência temática do texto.

Ainda que a consideração deste conceito se situe num quadro teórico diferenciado, cujas diferenças não pretendemos de forma nenhuma neutralizar, parece-nos um conceito operatório relevante em ambos os autores para dar conta do modo como se processa a construção do texto, tanto pela sua operacionalização em diferentes níveis dessa construção – micro, meso e macroestrutural –, quanto pelos diferentes mecanismos que lhe podem ser associados.

Neste artigo, embora tenhamos em consideração os princípios descritos, procedemos a uma análise que não segue de forma estrita nenhuma destas propostas, mas, a partir delas, descreve, num primeiro momento, alguns mecanismos de coesão ocorrentes nos textos para, num segundo momento, dar conta das principais relações retóricas marcadas linguisticamente por elementos/ estruturas linguísticas presentes em alguns desses mecanismos, assumindo a sua relevância na organização do sentido. Assim, ainda que mantendo o postulado da interdependência existente entre as condições de produção dos textos, a sua organização e os mecanismos usados na sua textualização, centramos a nossa análise nos mecanismos de coesão mais frequentes nos três textos por considerarmos que podem, pela sua recorrência, fornecer algumas pistas para a interpretação do discurso político.

A coesão textual, um dos sete critérios definidos por Beaugrande & Dressler (1981) para atribuição a um texto da sua propriedade definitória, a textualidade, “assenta na retoma adequada de entidades referidas anteriormente no texto, na articulação de informação conhecida, já apresentada, com informação nova trazida por cada frase subsequente, na

progressão dos temas induzidos, na utilização de marcadores que asseguram a coesão entre as frases e na coesão temporal entre as situações expressas nas frases” (Mendes 2013: 1694). Neste sentido, diz respeito a “um conjunto de mecanismos gramaticais e lexicais explicitamente marcados na superfície do texto, que funcionam como pistas que asseguram ou tornam recuperável uma ligação linguística significativa” (Duarte, 2003: 90) entre os elementos textuais analisados. A coesão configura, por conseguinte, “a ‘ossatura’ formal que sustém o texto” (Lopes & Carapinha, 2013: 31), contribuindo para a construção da sua “tessitura semântica” (Halliday & Hasan, 1976: 2; Lopes & Carapinha, 2013: 31).

A esta conceção estão subjacentes dois conceitos que se associam de forma estreita ao de coesão: o plano de texto, pois é central na sua estruturação, dado que opera tanto a nível micro como meso e macroestrutural (Koch, 2004; Lopes & Carapinha, 2013), e a coerência, entendida como um princípio de interpretabilidade dos textos (Charolles, 1983, 1989), de conectividade concetual (Halliday & Hasan, 1976; Duarte, 2003; Lopes, 2005; Lopes & Carapinha, 2013), que se constrói na interação entre autor-texto-leitor (Koch & Elias, 2006).

Ainda que a coesão não seja condição necessária nem suficiente da coerência, na medida em que a ausência de nexos coesivos não impossibilita a configuração de um sentido para um dado texto, a verdade é que os mecanismos de coesão fornecem pistas que orientam e facilitam a interpretação de um texto, contribuindo para a sua coerência.

No contexto deste trabalho, a atenção recaiu sobre alguns mecanismos de coesão referencial, de coesão lexical, de coesão interfrásica e textual, e de paralelismo estrutural (cf. Duarte, 2003; Koch, 2004; Mendes, 2013; Lopes & Carapinha, 2013, e.o.), por serem frequentes na textualização dos três textos analisados, com contributos distintos ao nível da construção de sentido, não sendo, por conseguinte, nosso objetivo o tratamento exaustivo de todos os mecanismos de coesão ocorrentes.

4.1. Coesão referencial

Globalmente, a coesão referencial permite sinalizar que “os indivíduos designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, se situam no espaço físico

perceptível pelo locutor ou pelo alocutário/ouvinte/leitor, existem ou não como objetos únicos da memória deles” (Duarte, 2003: 111). Assim, é responsável pelo estabelecimento das cadeias referenciais de um texto, sendo o fenómeno da anáfora o seu mecanismo por excelência (Duarte, 2003; Koch, 2004; Koch & Travaglia, 2005; Silva, 2006; Lopes & Carapinha 2013; Mendes, 2013).

A anáfora referencial é um processo interpretativo que consiste na atualização de expressões referenciais para designar um referente que foi objeto de menção prévia no universo de objetos construído pelo texto (cf. Apothéloz, 1995), caracterizando-se por três propriedades básicas: dependência interpretativa, recrutamento de um termo como antecedente e retoma do antecedente na interpretação do termo dependente.

Nos textos em análise há dois tipos de anáfora que ocorrem com frequência, com implicações distintas na progressão textual: a anáfora direta e a anáfora resumtiva³.

A primeira caracteriza-se por o valor referencial retomado ser o mesmo da expressão anafórica, que pode ser realizada através de um pronome ou de um sintagma nominal⁴, correspondendo a uma repetição total do antecedente, a uma repetição parcial, a uma descrição definida, a uma substituição sem recategorização (sinonímia) ou com recategorização (hiperonímia), com o determinante artigo definido ou demonstrativo.

Os segmentos (1) e (2) ilustram este tipo de anáfora.

(1) Há mais de um ano afirmei que **o meu tempo de decidir acerca das eleições presidenciais** era o que se seguiria às eleições para a Assembleia da República. Chegou **esse tempo**. (T1)

(2) Valores matriciais da Constituição são, de igual modo, os da identidade nacional, feita de **raízes na nossa terra e no nosso mar**, mas de vocação universal – plataforma que constituímos entre continentes e, sobretudo, entre culturas e civilizações.

Raízes nesta terra e neste mar, que formam um verdadeiro arquipélago com três vértices – Continente, Açores e Madeira –, e abarca o Oceano que nos fez e faz grandes.

³ O contributo da análise das cadeias anafóricas para a construção do discurso político tem merecido pouca atenção na análise do discurso político português, excetuando Marques (2018, 2019).

⁴ Lopes (2013: 63) inclui na anáfora direta também os casos em que há retoma através de um advérbio ou locução adverbial (anáfora adverbial).

Em (1), ocorre uma anáfora direta com repetição parcial, mantendo-se o núcleo do SN que serve de antecedente à expressão anafórica, associado a determinante demonstrativo. Em (2), há uma retoma por repetição total com modificação da determinação do antecedente, pois a expressão anafórica é realizada com demonstrativo.

Do ponto de vista textual, este tipo de anáfora contribui para a continuidade temática do texto, através da manutenção das entidades previamente introduzidas.

No que se refere ao segundo tipo de anáfora referido, a sua caracterização é fonte de menos consenso na literatura. Com efeito, este tipo de anáfora (resumptiva), também designada como anáfora complexa, concetual, abstrata ou rotuladora, é considerada por alguns autores como uma zona de fronteira entre a anáfora direta e a anáfora associativa (cf., e.o., Lopes & Carapinha, 2013) ou como um tipo de anáfora indireta, com propriedades que a aproximam simultaneamente da anáfora direta (o sistema de determinação) e da anáfora indireta (natureza referencial distinta do anafórico e do antecedente e, por conseguinte, ausência de correferencialidade; cf., e.o., Schwarz, 2000; Silva, 2006). Apesar destas diferenças, é consensual que o seu objetivo é sobretudo retomar “um conteúdo proposicional condensado de forma neutra ou de forma mais marcadamente avaliativa” (Lopes & Carapinha, 2013: 69) ou atribuir-lhe um rótulo metalinguístico ou metadiscursivo (Francis, 1994; Koch, 2005; Silva, 2006; Lopes & Carapinha, 2013). Além do resumo através de nomes gerais (*facto, ideia, acontecimento*), nomes deverbais (por exemplo, *descoberta, decisão*), ou nomes com valor metadiscursivo (*pergunta, frase, termo*), a expressão anafórica pode ainda ser realizada através de um pronome demonstrativo (*isto, isso*) ou de um advérbio (*assim*), que resumem o conteúdo proposicional do segmento antecedente (cf. Lopes & Carapinha, 2013: 70).

Os excertos (3) e (4) exemplificam a ocorrência deste tipo de anáfora.

(3) (...)

Ponderado **tudo isto** assim como as candidaturas anunciadas, todas elas a mereceram a minha maior consideração, e ponderada também a situação nacional à saída das eleições para a Assembleia da República tinha de fazer uma escolha. (T1)

(4) Eu sei, nós sabemos, que estes tempos não são fáceis.

Nem na incerteza quanto ao crescimento e segurança e na falta de transparência financeira mundiais. Nem na lentidão (...).

Nem na evolução económica recente, ou em curso (...)

Mas, é **neste quadro** que nos movemos, hoje, em Portugal. (T2)

Em (3), a expressão anafórica, que ilustra um caso de pronominalização resumptiva, retoma um antecedente que corresponde aos parágrafos que delimitamos no domínio da macroestrutura 2.1. deste texto (cf. tabela 2), o que significa que sintetiza um conteúdo proposicional equivalente a cerca de 70% do texto global. Por sua vez, em (4), o SN 'este quadro' retoma o conteúdo proposicional do segmento antecedente, sendo uma anáfora por nominalização com rotulação genérica, pelo facto de podermos considerar o nome 'quadro', neste contexto, como um nome geral para a caracterização da situação descrita no segmento antecedente, introduzida no enunciado 'Eu sei...', elaborada nos dois parágrafos seguintes e continuada através da frase adversativa introduzida por 'mas', na qual se integra a expressão anafórica.

Ao contrário da anáfora direta, este segundo tipo de anáfora referido desempenha, do ponto de vista textual, uma função temática-remática (Schwarz, 2000; Silva, 2006), na medida em que, enquanto assegura a continuidade com a retoma de um referente mencionado previamente, instaura novo nó referencial. No caso de (3), integra um enunciado que introduz a macroestrutura '2.2.' do texto, correspondente a um novo subtópico, a 'decisão' (cf. tabela 2). No caso de (4), há o fecho de um subtópico e abertura para outro subtópico que dá continuidade ao macro-tópico identificado em '3.2. soluções' (cf. tabela 2).

Para além da coesão referencial, responsável pela progressão referencial dos textos, há um outro tipo de coesão, globalmente denominado de sequencial (Koch, 2004, 2005), que diz, em geral, respeito às relações semânticas e/ou pragmáticas estabelecidas entre segmentos textuais de níveis diversos e que são responsáveis pela progressão textual. Nesse âmbito, integram-se a coesão estrutural, o paralelismo estrutural e a coesão lexical.

4.2. Coesão estrutural

A coesão estrutural diz respeito às "conexões produzidas no texto e que envolvem nexos semânticos de vária ordem entre elementos ligados"

(Mendes, 2013: 1714) em diferentes níveis da superfície textual de que são exemplo, entre outros, a coesão interacional e interfrásica (cf. Lopes e Carapinha, 2013).

Neste domínio, destaca-se o papel dos marcadores discursivos (MDs), uma categoria heterogénea (com elementos provenientes de várias classes), com uma certa mobilidade sintática e polifuncional. “DMs do not contribute to the propositional content of their host utterance, since they do not have conceptual or representational meaning. Their core meaning is procedural, i.e., they encode instructions on how the segment they typically introduce is to be interpreted relative to prior discourse “ (Lopes, 2016: 442). Assim, são sinais ou pistas que guiam o processo interpretativo de um segmento textual mediante a especificação de certas propriedades do contexto e dos efeitos contextuais (Blakemore, 1987: 35), contribuindo para a construção incremental do sentido do texto.

Neste trabalho, seguimos a tipologia proposta por Lopes (2016) pela sua sistematicidade relativamente à distinção das principais classes e subclasses de MDs para o português.

Analisando globalmente os MDs nos três textos, verificamos que a sua ocorrência é bastante baixa considerando o número total de palavras, correspondendo, a 0,8% no anúncio da candidatura, a 1% no discurso de tomada de posse e a 4% no discurso comemorativo. A tabela 3 sintetiza a sua distribuição em cada um dos textos.

Tabela 3 – Distribuição dos MDs nos discursos analisados

Discursos	N.º palavras	N.º MDs	Proporção
<i>Anúncio da candidatura</i>	1400	11	1 MD por cada 127,2 palavras
<i>Tomada de posse</i>	2588	26	1 MD por cada 99,5 palavras
<i>Comemoração do 42.º 25 de abril</i>	1992	25	1 MD por cada 79,6 palavras

A título ilustrativo, apresentamos os excertos (5) e (6).

(5) Para uns, a governação atual é promissora. Para outros, um logro.

Para todos, **contudo**, uma certeza existe neste tempo: mais instabilidade, mais insegurança, não abre caminhos, fecha horizontes.

E, por isso, vivem já uma distensão, impensável há escassos meses. (T3)

(6) **Em suma**, identidade nacional feita de solo e sangue, e aposta na Língua, na Educação, na Ciência, na Cultura, na capacidade de saber conjugar futuro com passado, sem medo de enfrentar o presente. (T3)

Em (5), ocorrem MDs com valores distintos: ‘contudo’ e ‘por isso’, o primeiro da subclasse dos contrastivos, com valor contra-argumentativo, e o segundo, com valor conclusivo. Além destes dois MDs, há ainda o conetor ‘e’, com valor aditivo, que articula os dois enunciados.

No caso de (6), ocorre um MD com valor resumativo, em posição mesoestrutural, dado que retoma, para sintetizar, o conceito de ‘identidade nacional’, introduzido cinco parágrafos antes, no contexto da definição dos ‘valores matriciais da Constituição’ de que faz parte, em correlação com a ‘vocaçã universal’, desenvolvida nos parágrafos seguintes. Neste sentido, este MD recupera os conceitos-chave desses parágrafos, associados agora ao conceito de ‘identidade nacional’, que se converte no subtópico seguinte (‘Uma identidade vivida...’), que introduz novo parágrafo.

4.3. Paralelismo estrutural

Ainda no domínio da coesão sequencial, pode integrar-se o mecanismo do paralelismo estrutural, que consiste na “presença de traços gramaticais comuns (e.g. tempo, aspecto, diátese), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos” (Duarte, 2003: 110).

Na linha de Koch (2004) e de Cardoso (2012), consideramos o paralelismo como um mecanismo coesivo, que se associa à estrutura informacional do

texto, podendo contribuir para a sua orientação argumentativa (cf. Cardoso, 2012: 21).

Esta autora propõe uma tipologia de seis categorias de paralelismo baseada em critérios linguísticos: de construção, lexical, temporal, semântico, rimático e prosódico. No domínio dos discursos que analisamos, os mais relevantes, pela sua produtividade, são os quatro primeiros, que podem definir-se de acordo com a síntese apresentada na tabela 4 e adaptada de Cardoso (2012: 58-59).

Tabela 4 – Tipos de paralelismo (Cardoso, 2012: 58)

Tipo de paralelismo		Função
de construção		Relaciona-se com a estrutura sintática das construções e a formação de paralelos a nível de orações ou sintagmas, por exemplo.
lexical	repetição	Há a ativação de processos de reiteração léxica usados nos paralelos.
	escalar	Decorre da seleção lexical com um efeito variável na intensidade semântica dos termos.
temporal		Relaciona-se com situações em que as formas verbais partilham determinadas propriedades (tempo, modo ou pessoa e número);
semântico		Realiza-se através de relações lexicais, nomeadamente de holonímia/meronímia, hiperonímia/hiponímia, sinonímia/antonímia.

Este mecanismo de coesão ocorre várias vezes em cada um dos textos analisados, apresentando variedade de estruturas linguísticas na sua verbalização.

Os exemplos (7) a (9) exemplificam algumas das ocorrências deste mecanismo coesivo.

(7) A resposta a estas três questões só pode ser negativa para os Portugueses. (...)

Não. Portugal não pode ...

Não. O estimulante pluralismo político não impede ...

Não. A saudável contraposição de duas fórmulas de Governo não atinge ... (T3)

(8) Funcionário público desde os 24 anos, servir o Estado como **servi e sirvo** na educação, no ambiente ou nas finanças **era e é** servir pessoas de carne e osso, sobretudo na educação, como professor. (T1)

(9) A quantos – **militares e civis** – fizeram o Portugal de sempre, como, de modo particular, a quantos – **civis e militares** – construíram a República Democrática devemos [o] aqui estar, eleitos pelo Povo, em cumprimento da Constituição. (T2)

No excerto (7), verifica-se um paralelismo de construção, que se realiza através da mesma ordem em estruturas contíguas, ativando o seguinte esquema estrutural: estrutura anafórica ('Não') + estrutura com sujeito + advérbio de negação 'não' + V (presente). Em (8), por sua vez, o paralelismo decorre da distinção de tempos gramaticais, com o contraste entre pretérito perfeito e presente ('servi e sirvo') e entre pretérito imperfeito e presente ('era e é'). Finalmente, em (9), verifica-se a mesma ordem de palavras em fragmentos textuais contíguos em que o objeto indireto de 'dever' é construído com a coordenação assindética de duas orações com a ordem: sujeito + aposto + V + OD ('quantos – militares e civis – fizeram o Portugal de sempre'; 'quantos – civis e militares – construíram a República Democrática'). Este exemplo ilustra o facto de, conforme Duarte (2003), reiterada em Cardoso (2012), o paralelismo estrutural ser acompanhado de processos lexicais, como é o caso da repetição ou da oposição semântica, e também do uso de palavras marcadas.

Na sua globalidade, estas ocorrências contribuem para a progressão textual, mas também para a orientação argumentativa do texto, reforçando frequentemente o ponto de vista do locutor e permitindo salientar determinados elementos chave de um tópico ou subtópico através do foco em estruturas paralelas, o que funciona como uma estratégia de concentração do interlocutor nas ideias mais relevantes do texto, contribuindo igualmente para a progressão textual. Esta é, de resto, uma das funções que lhe é mais frequentemente associada no contexto da análise do discurso político (cf.,

e. o., Fernández Lagunilla, 2009; Batluk, 2011; Dontcheva-Navratilova, 2011). Além disso, é um recurso que, pela segmentação do discurso em enunciados simples e pela repetição, facilita o processamento, ao reduzir a densidade lexical do discurso, e aumenta, por essa via, a sua eficácia argumentativa (cf., e. o., Biar & Pinheiro, 2018).

4.4. Coesão lexical

Esta função de paralelismo está também subjacente à determinação da funcionalidade da coesão lexical na construção do texto (Lopes & Carapinha, 2013: 35), um mecanismo de coesão que pode assumir uma dupla forma: reiteração, com repetição lexical, e substituição, através de sinonímia, antonímia, hiperonímia ou relação parte-todo (cf. Duarte, 2003; Lopes & Carapinha, 2013; Mendes, 2013). A repetição, que se caracteriza por um fenómeno de dependência contextual, pode desempenhar funções discursivas diversas conforme o objetivo subjacente ao seu uso, os diferentes contextos linguísticos e culturais em que ocorre e mesmo o estilo do produtor do texto. A substituição lexical, por sua vez, além de poder cumprir uma função estilística de evitamento da repetição, é um elemento chave na organização tópica do texto por permitir a realização da mudança de tópico, sobretudo na ativação das relações de antonímia, hiperonímia e parte-todo.

Além da reiteração, a colocação, que Koch (2004) aproxima do conceito de manutenção temática, corresponde ao efeito coesivo resultante do uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical através dos quais é ativado na memória de falante um esquema cognitivo de tal modo que outros elementos do texto são interpretados no âmbito desse esquema.

Nos três textos analisados, a coesão lexical tem um papel relevante na organização temática do texto, nomeadamente no que se refere à repetição lexical. Do ponto de vista da sua funcionalidade no discurso político, Dorna (1995: 138) afirma que “La répétition d’un mot a bref intervalle «frappe» toujours l’oreille. Cette répétition répond d’une part à la volonté de « marquer » l’auditoire, d’autre part à la nécessité de faire pénétrer le discours dans l’esprit des gens”.

Uma análise liminar do léxico dos textos permite apontar para a incidência de determinadas áreas temáticas nos diferentes textos, como

se sintetiza na tabela 5. Essa distribuição lexical relaciona-se com as condições de produção dos textos, em particular com os seus objetivos e macroestruturas globais.

Assim, por exemplo, os textos 2 e 3 apresentam maior repetição dos nomes ‘economia’ e ‘crise’ e do adjetivo ‘financeiro’, enquanto o nome ‘revolução’ tem uma presença mais representativa no texto 3, em detrimento do nome ‘afeto’ e do verbo ‘servir’, nas suas diferentes formas, mais frequentes no texto 1, assim como o nome ‘serviço’, ao contrário do que acontece com o nome da mesma família ‘servidor’, apenas ocorrente no T2, no contexto de uma estrutura paralela. Globalmente, verificamos que as palavras da família de ‘servir’ ocorrem sobretudo no T1 e no T2, o que nos parece relacionar-se com a própria finalidade dos discursos, na medida em que, nesses discursos, corresponde a uma componente importante da imagem que o locutor pretende projetar de si. O nome ‘liberdade’ ocorre mais nos textos 1 e 2 em comparação com o 3, sendo o nome ‘portugueses(as)’ o mais frequente nos textos 1 e 3 e bastante mais frequente nestes dois textos do que no texto 2.

Tabela 5 – Alguns exemplos de escolhas lexicais

Palavra	T1	T2	T3
portugueses/as	13	3	11
afeto	3	1	0
liberdade	5	4	1
economia	0	2	5
económic-	1	4	6
revolução(ões)	0	2	9
financeir-	1	4	5
unidade	0	2	3
crise	2	3	6
servi-	4	1	1
serviço	3	1	0
servidor	0	4	0

A repetição (‘Portugal’) e a substituição lexical, através da relação da sinonímia (‘pender para’ – ‘favorecer’), podem ser observadas, respetivamente, nos excertos (10) e (11).

(10) Foi para dizer que cumprirei o meu dever moral de pagar a **Portugal** o que **Portugal** me deu que aqui vim e aqui estou. Serei candidato à presidência da república de **Portugal**, pelas portuguesas e pelos portugueses. Os de ontem, os de hoje, os de amanhã. Pelo **Portugal** de sempre. (T1)

(11) E, como acontece sempre nos processos revolucionários, houve momentos em que a primazia parecia **pender** para um ou alguns desses projetos, para, logo a seguir, a correlação de forças **favorecer** projetos diversos. (T3)

Os mecanismos de coesão analisados nesta secção constituem mecanismos formais presentes na superfície textual que permitem dar conta da forma como o texto se constrói, contribuindo, como dissemos, para a coerência textual. São, nessa sua funcionalidade processual, mecanismos relacionais discursivos que funcionam como pistas linguísticas relevantes para a determinação de relações retóricas.

5- Relações retóricas

5.1 Algumas noções

As relações retóricas (ou discursivas) são relações de significado que se estabelecem entre unidades do discurso, sendo fundamentais para explicar a sua organização, pois, como refere Hobbs (1985),

Let us begin with a fact: discourse has structure. Whenever we read something closely, with even a bit of sensitivity, text structure leaps off at us. We begin to see elaborations, explanations, parallelisms, contrasts, temporal sequencing, and so on. These relations bind contiguous segments of text into a global structure for the text as a whole.

Hobbs (1985:1)

Assim, as relações retóricas “link together the utterances – or, more accurately, the meanings or “contents” those utterances convey” (Asher & Lascarides, 2003:3). Para além das relações retóricas que se podem estabelecer ao nível do conteúdo dos enunciados, denominadas “content-

level relations” (Asher & Lascarides, 2003), há relações retóricas que desempenham um papel fundamental na estruturação do texto - as “text structuring rhetorical relations” (Asher & Lascarides, 2003)⁵.

Independentemente da classe da relação retórica, a sua inferência depende de um conjunto de restrições semânticas e pragmáticas, que constituem os seus postulados de significado. De facto, no processamento das relações retóricas intervêm diferentes fontes de informação, quer de natureza linguística (e.g. léxico e semântica composicional), quer de natureza não linguística (e.g. conhecimento do mundo e estado cognitivo dos interlocutores). A presença ou não de pistas linguísticas distingue as relações retóricas explícitas das relações retóricas implícitas (Das & Taboada, 2018). No primeiro caso, as relações retóricas podem ser sinalizadas linguisticamente por uma palavra (ex. ‘porque’, para Explicação), uma expressão lexical (ex. ‘com o propósito de’, para Resultado), uma categoria gramatical, como tempo, aspeto ou modo (ex. ‘sequência de pretéritos perfeitos’, para Narração) ou uma estrutura sintática (ex. oração relativa, para Elaboração). Estes mecanismos relacionais discursivos, também conhecidos por ‘cue-phrases’ (Asher & Lascarides, 2003) ou ‘relational signs’ (Das & Taboada, 2019), entre outros, são, portanto, marcas relevantes das relações retóricas, cujo estudo enriquece as suas definições (cf., e.o., Taboada & Das, 2013; para o Português Europeu, Oliveira, Cunha & Silvano, 2010; Silvano, 2011).

Sendo a lista das relações retóricas aberta e não ocorrendo todas na nossa análise, apresentamos na tabela 6 as que são relevantes para o nosso trabalho.

⁵ Asher & Lascarides (2003) propõem mais três classes de relações retóricas (de diálogo, divergentes e ‘metatalk’), que, por não serem relevantes para a análise do *corpus*, dado que ocorrem em diálogos ou se centram em atos de fala, não são apresentadas neste trabalho.

Tabela 6 – Relações retóricas relevantes para a análise do *corpus*

Classe	Designação	Definição
Relações retóricas ao nível do conteúdo	Narração (Asher & Lascarides, 2003)	Esta relação mantém-se se os segmentos expressam eventualidades que ocorrem na sequência em que são descritas. > Restrição de tópico da Narração: α e β partilham um tópico comum. > Consequência espaço-temporal: \emptyset Narração(α, β) sobreposição (pré-estado(e_β), pós-estado(e_α))
	Resultado (Asher & Lascarides, 2003)	Esta relação mantém-se sempre que β descrever um efeito/ resultado de α . > Consequência temporal: \emptyset Resultado(α, β) posterioridade (e_β, e_α)
	Elaboração de entidade (Prevót, Vieu & Asher, 2009; Coelho, 2015; Silvano, Oliveira & Coelho, 2018)	Esta relação mantém-se quando β é um estado descritivo de α . > Restrição aspetual: β é aspetualmente um estado básico ou derivado. > Consequência temporal: \emptyset Elaboração _{ent} (α, β) sobreposição (e_α, e_β)
	Expetativa Anulada (Kehler, 2002)	Esta relação mantém-se quando α apresenta uma expetativa que é anulada por β , ou seja, $P \quad \neg Q$
	Explicação (Asher & Lascarides, 2003)	Esta relação mantém-se quando β representa a causa de α . > É dual de Resultado. > Consequência temporal: a) \emptyset Explicação(α, β) $\Rightarrow (\neg e_\alpha < e_\beta)$ b) \emptyset Explicação(α, β) $\Rightarrow (\text{event}(e_\beta) \Rightarrow e_\beta < e_\alpha)$
	Reafirmação (Mann & Thompson, 1987)	Esta relação mantém-se quando β é uma reafirmação de α , tendo ambos extensão semelhante. α é mais relevante para o locutor do que β .
	Sumário (Mann & Thompson, 1987)	Esta relação mantém-se quando β reafirma α , sendo mais curto em extensão.
	Relações retóricas ao nível da estruturação do texto	Paralelo (Asher & Lascarides, 2003)
Contraste (Asher & Lascarides, 2003)		Esta relação mantém-se quando os dois segmentos têm estruturas semelhantes, mas estabelecem um contraste.

5.2 Análise de relações retóricas no *corpus*

A análise de alguns dos mecanismos de textualização descritos na secção 4. recorrendo às relações retóricas produz dois resultados relevantes. Por um lado, as relações retóricas permitem mostrar de que modo os referidos mecanismos asseguram a construção do sentido do texto. Por outro lado, a identificação dos elementos e estruturas linguísticas que configuram esses mecanismos coesivos, e que funcionam como pistas linguísticas, contribui para a caracterização das relações retóricas ao reforçar os seus postulados de significado. Nesta secção, são apresentados alguns exemplos que ilustram esta articulação.

No âmbito da coesão referencial, a anáfora direta observada no *corpus* envolve frequentemente a repetição total ou parcial do sintagma nominal que representa uma dada entidade, como em (12) e (13).

(12) π_1 Em suma, **identidade nacional** feita de solo e sangue, e aposta na Língua, na Educação, na Ciência, na Cultura, na capacidade de saber conjugar futuro com passado, sem medo de enfrentar o presente.

π_2 **Uma identidade** vivida em Estado de Direito Democrático, representativo, mas também participativo e referendário. (T2)

(13) Um servidor da causa pública. π_1 Que o mesmo é dizer, um servidor **desta Pátria** de quase nove séculos. π_2 **Pátria** que nos interpela a cada passo. (T2)

Neste caso, a repetição das palavras ‘identidade’ e ‘pátria’, combinada com o tipo de estrutura sintática em que ocorrem, permite inferir a relação Elaboração de Entidade (Prevót, Vieu & Asher 2009; Coelho 2015; Silvano, Oliveira & Coelho, 2018), funcionando π_2 como estados descritivos das entidades ‘identidade’ e ‘Pátria’ introduzidas em π_1 .

A mesma relação retórica é inferida em construções semelhantes, nas quais, no entanto, a retoma da entidade é feita através de processos de sinonímia, que contribuem para a coesão lexical, como em (14):

⁶ “ π_x ” serve para identificar os segmentos textuais que são ligados por uma dada relação retórica.

(14) Mas, como um todo, a Revolução de 25 de Abril de 1974, na versão compromissória do constitucionalismo de 1976, acabou por abrir a Portugal o horizonte para quatro desafios cimeiros, (...).

Descolonização, Democratização, integração europeia e π_1 **construção de uma nova economia**.

Descolonização, (...).

Democratização, (...).

Integração europeia (...).

π_2 **Mudança da economia**, em ciclos muito diversos – o primeiro, da rutura dos laços coloniais e das nacionalizações e expropriações; o segundo, (...). (T3)

Por sua vez, nos mecanismos linguísticos associados ao paralelismo estrutural, a repetição, quer seja do tipo de construção ou do léxico (cf. tabela 4), funciona também como uma pista linguística relevante para a inferência da relação retórica de Elaboração de Entidade, como se pode observar em (7), apresentado novamente em (15):

(15) π_1 A resposta a estas três questões só pode ser negativa para os Portugueses. (...)

π_2 Não. Portugal não pode ...

π_3 Não. O estimulante pluralismo político não impede ...

π_4 Não. A saudável contraposição de duas fórmulas de Governo não atinge ...

A repetição do mesmo esquema estrutural nos segmentos textuais ϖ_2 - ϖ_4 , retomando e desenvolvendo o conteúdo de ϖ_1 , constitui informação essencial para ligarmos cada um dos segmentos ϖ_2 - ϖ_4 a ϖ_1 através da relação Elaboração de Entidade.

Já o paralelismo temporal (cf. tabela 4) observado no exemplo (8), repetido aqui como (16), conduz à inferência da relação retórica de Narração devido à presença da sequência de tempos do Pretérito Perfeito e do Presente, que estabelece uma cronologia de situações.

(16) Funcionário público desde os 24 anos, servir o Estado como π_1 **servi** e π_2 **sirvo** na educação, no ambiente ou nas finanças era e é servir pessoas de carne e osso, sobretudo na educação, como professor.

Os exemplos (15) e (16), embora possam variar em termos de relações retóricas ao nível do conteúdo, exibem a mesma relação retórica ao nível da estruturação do texto, ou seja, a de Paralelo, dado que apresentam estruturas semelhantes sem estabelecer qualquer contraste. Contudo, há casos de paralelismo de construção (cf. tabela 4) em que se infere a relação de Contraste ao nível da estruturação do texto, como em (17):

(17) π_1 Para uns, a governação atual é promissora. π_2 Para outros, um logro. π_3 Para todos, contudo, uma certeza existe neste tempo: mais instabilidade, mais insegurança, não abre caminhos, fecha horizontes. (T3)

Neste exemplo, os três segmentos (π_1 , π_2 , π_3) apresentam o mesmo tipo de estrutura sintática, mas estabelecem entre eles uma oposição, o que determina que a relação retórica ao nível do conteúdo inferida seja a de Expectativa Anulada (Kehler, 2002). Para o processamento desta relação retórica neste exemplo, a fonte de informação mais relevante é o léxico: no par (π_1 , π_2), a oposição 'promissora/logro' e no segundo ((π_1 , π_2), π_3), o marcador discursivo 'contudo'.

De facto, os marcadores discursivos constituem um dos mecanismos que mais facilmente fornece pistas para a inferência de relações retóricas, como se pode verificar nos exemplos seguintes:

(18) π_1 Cada um desses caminhos é plural, π_2 **mas** querendo ser alternativo ao outro. (T3)

(19) π_1 (...) π_2 Manda, **por isso**, a verdade que se reconheça que a Democracia permitida pelo 25 de Abril representou uma realidade sem precedente na nossa História político-constitucional, em participação no poder central, regional e local (...).

π_3 **Só que** a mesma verdade manda que se diga que os quatro

desafios enfrentados em tão concentrado espaço de tempo tiveram custos de vária ordem (...). (T3)

(20) π_1 (...) π_2 O Presidente da República será, **pois**, um guardião permanente e escrupuloso da Constituição e dos seus valores (...). (T2)

(21) π_1 Uniram-se. π_2 **E assim** puderam e podem começar a reacreditar no futuro.

(22) π_1 Por Portugal, π_2 **porque** aqui nascemos, onde nasceram os nossos antepassados, aqui estão as nossas raízes, aqui estarão sempre as nossas almas. (T1)

(23) π_1 Um servidor da causa pública. π_2 **Que o mesmo é dizer**, um servidor desta Pátria de quase nove séculos. (T2)

(24) π_1 (...) π_2 **Em suma**, identidade nacional feita de solo e sangue (...). (T1)

Os exemplos (18) e (19) ilustram como a relação de Expetativa Anulada pode também ser marcada por outros marcadores discursivos, como ‘mas’ e ‘só que’. No exemplo (19), o valor lexical de ‘por isso’ determina que o segmento π_1 se ligue ainda a um segmento anterior através de uma relação de Resultado (Asher & Lascarides, 2003), descrevendo o efeito da ocorrência descrita pelo segmento anterior. A mesma relação retórica está presente em (20) e (21), sendo, mais uma vez, a informação lexical veiculada pelos marcadores discursivos ‘pois’ e ‘e assim’, respetivamente, decisivas no processamento da relação retórica.

Já na interpretação de (22)-(24), a presença dos marcadores discursivos assinalados a negrito marca as relações retóricas de Explicação (Asher & Lascarides, 2003), de Reafirmação (Mann & Thompson, 1987) e de Sumário (Mann & Thompson, 1987), respetivamente.

Nesta secção, foi nosso objetivo ilustrar como as relações retóricas podem funcionar como um instrumento de análise produtivo no estudo dos mecanismos de textualização, permitindo formalizar relações de sentido subjacentes à coesão e coerência.

6- Considerações finais

Fazemos agora uma síntese das principais conclusões do estudo efetuado. Num *corpus* constituído por três discursos de MRS, teve-se em consideração, em primeiro lugar, as condições da sua produção e a determinação do seu plano textual, para em seguida se analisarem alguns mecanismos de coesão recorrentes na sua textualização e de algumas relações retóricas que contribuem para a organização e produção de sentido dos textos.

No que concerne às componentes que se integram nas condições de produção, concluiu-se que o contexto físico e o socio-subjetivo aproximam os textos 2 e 3, que se afastam do texto 1, embora a finalidade comunicativa seja manifestamente distinta em cada um dos discursos, que pertencem, no entanto, todos ao domínio da atividade política.

Essa distinção tem repercussões no género adotado em cada um dos contextos comunicativos, assim como no plano de texto adotado, que apresenta um certo grau de convencionalidade decorrente do contexto da sua circulação, mas também do seu objetivo comunicativo central. Não sendo, no entanto, a nossa finalidade central analisar estes exemplares dos géneros indicados na sua comparação com outros exemplares do mesmo género, circunscrevemos a nossa análise apenas à determinação do plano de texto destes discursos, assinalando as suas macroestruturas.

Na sequência desta análise, interessou-nos sobretudo explicitar alguns mecanismos de coesão e qual a sua função na progressão textual e na construção do sentido do texto. Assim, no que diz respeito à coesão referencial, salienta-se o uso de dois tipos de anáfora – a anáfora direta e a anáfora resumptiva. Estes dois tipos de anáfora, frequentes nos textos analisados, desempenham um papel diferenciado na progressão textual e construção do sentido.

Verificamos, por outro lado, que na construção destes textos o papel dos marcadores discursivos não parece ser central, na medida em que a sua ocorrência é bastante baixa, tendo em conta o número total de palavras de cada texto. Por contraste, o paralelismo estrutural sobressai como forma de construção da progressão textual, não só pela sua frequência, como pela sua variedade. As categorias de paralelismo (Cardoso, 2012) mais produtivas nos textos analisados são o paralelismo de construção, o lexical, o temporal e o semântico, e contribuem não só para a coesão, como também para a

orientação argumentativa do texto, reforçando pontos de vista e salientando elementos chave.

Finalmente, constatamos que a organização temática do texto passa, em grande medida, pela coesão lexical, nomeadamente pela repetição lexical, que permite pôr em evidência determinadas áreas temáticas nos diferentes textos e se relaciona com as condições de produção dos textos.

De forma global, estas estratégias de coesão estruturam segmentos temáticos do texto, contribuindo para a progressão tópica, conferindo coesão e coerência ao texto, o que se torna evidente quando se consideram as relações retóricas estabelecidas entre unidades discursivas.

Neste sentido, consideramos que as relações retóricas permitem pôr em evidência o contributo das diferentes estratégias de coesão para a construção do sentido dos textos. Verificamos serem relevantes, na construção dos três textos, tanto relações retóricas ao nível do conteúdo (nomeadamente, Narração, Resultado, Elaboração de Entidade, Expetativa Anulada, Explicação, Sumário e Reafirmação) como ao nível da estruturação do texto (nomeadamente, Paralelo e Contraste). Assim, encontramos, no texto, com alguma sistematicidade: (i) casos em que a uma estratégia de coesão se associam várias relações retóricas (por exemplo, os marcadores discursivos são associados a Expetativa Anulada, Resultado, Explicação, Reafirmação e Sumário; o paralelismo de construção está associado às relações de Paralelo e de Contraste), (ii) mas também casos em que a uma relação retórica se associam vários mecanismos de coesão (à Elaboração de Entidade associa-se a anáfora direta, a sinonímia e o paralelismo estrutural) e (iii) em que a um mecanismo de coesão se associa uma só relação retórica (o paralelismo temporal está associado apenas à Narração).

Conclui-se, assim, que, em geral, não existe uma relação biunívoca entre relações retóricas e estratégias de coesão: a mesma relação retórica pode usar mecanismos diferentes de coesão e o mesmo mecanismo de coesão pode marcar diferentes relações retóricas. De facto, tal como referido na secção 5.1, no processamento das relações retóricas intervêm diferentes fontes de informação, pelo que é de esperar que, mesmo que a ocorrência de algum mecanismo de coesão propicie o surgimento de uma determinada relação retórica, a coocorrência de outros mecanismos de coesão no mesmo segmento textual possa sobrepor-se enquanto fonte de informação

relevante para a definição dessa mesma relação retórica. Refira-se, a título exemplificativo, o caso das relações de Paralelo e Contraste: embora estejam ambas associadas ao paralelismo de construção, o Contraste surge fundamentalmente associado a determinados marcadores discursivos (recorde-se exemplos (15)/(16) vs. (17)).

A abordagem efetuada a este *corpus* foi, portanto, uma abordagem articulada, o que consideramos produtivo, por um lado, para o estudo dos mecanismos de coesão textual e das relações retóricas, mas também pelo contributo que essa análise integrada traz para a organização dos textos e para a construção do seu sentido.

REFERÊNCIAS

- Adam, J-M. 2002. Plan de texte. In: P. Charaudeau & D. Maingueneau (Orgs.). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, 433-434.
- Adam, J-M. 2005. *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.
- Adam, J-M. 2013. *Problèmes du texte. La linguistique textuelle et la traduction*. Aarhus: Aarhus Universitet, 21-45.
- Amossy, R. & Koren, R. 2010. Argumentation et discours politique. *Mots*. 94: 13-21.
- Apothéloz, D. 1995. *Rôle et Fonctionnement de l'Anaphore dans la Dynamique Textuelle*. Genève: Librairie Droz.
- Asher, N. & Lascarides, A. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Asher, N. & Lascarides, A. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bakhtin, M. 1984. *Esthétique de la Création Verbale*. Paris: Gallimard.
- Batluk, L. 2011. Rhythm and Rhetoric: A Linguistic Analysis of Barack Obama's Inaugural Address. Dissertação de licenciatura. Sweden: Almsstad University. Retirado da Internet a 23-06-2020: <http://hh.diva-portal.org/smash/get/diva2:427453/FULLTEXT03.pdf>.
- Beaugrande, R. de & Dressler, W. U. 1981. *Introduction to text linguistics*. London: Longman.

- Biar, L. A. & Pinheiro, D. 2018. "Com tanta eloquência, com tanta mentira": Repetição e recategorização em discursos de Fernando Collor. *ALFA*. 62(3): 469-485.
- Blakemore, D. 1987. *Semantic Constraints on Relevance*. Oxford: Blackwell.
- Bronckart, J-P. 1996. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Cardoso, A. 2012. *Parâmetros de Qualidade no Discurso Público Argumentativo: Paralelismo por Contraste e Carisma*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.
- Charaudeau, P. 2002. A quoi sert d'analyse le discours politique? In : *Análisi del discurs polític*. Barcelona: IULA-UPF, 1-9. Retirado da Internet a 20-01-2020: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-quoi-sert-d-analyse-le-discours.html>
- Charaudeau, P. 2005. *Le discours Politique. Les Masques du Pouvoir*. Paris: Vuibert.
- Charolles, M. 1983. Coherence as a Principle in the Interpretation of Discourse. *Text*. 3(1): 71-99.
- Charolles, M. 1989. Text Coherence and Text Interpretation Processings. In: M-E. Conte, J. Petöfi & E. Sözer (Eds.). *Text and Discourse Connectedness*. Amsterdam: John Benjamins, 377-387.
- Coelho, A. 2015. *Relações retóricas e temporais no texto*. Dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Coutinho, M. A. 2003. *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: FCT/FCG.
- Coutinho, M. A. 2011. Macroestruturas e Microestruturas Textuais. In: I. Duarte & O. Figueiredo (Orgs.). *Português, Língua e Ensino*. Porto: Universidade do Porto, 189-220.
- Coutinho, M. A. 2019. *Texto e[m] Linguística. Teorias. Cruzamentos. Aplicações*. Lisboa: Colibri.
- Das, D. & Taboada, M. 2019. Multiple Signals of Coherence Relations. *Discourse [Online]*. 24: 1-38.
- Das, D. 2014. *Signalling of Coherence Relations in Discourse*. Dissertação de doutoramento. Simon Fraser University, Burnaby, Canada.
- Dontcheva-Navratilova, O. 2011. *Coherence in Political Speeches*. Brno: Masaryk University Press.
- Dorna, A. 1995. Les Effets Langagiers du Discours Politique. *Hermès*. 16: 131-146.
- Duarte, I. 2003. Aspectos linguísticos da organização textual. In: M.H. Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 85-123.
- Fernández Lagunilla, M. 2009. *La lengua en la comunicación política I: el discurso del poder*. 2ª ed. Madrid: Arco Libros.

- Fernández Lagunilla, M. 2014. *La lengua en la comunicación política II: La palabra del poder*. 2.^a ed. Madrid: Arco Libros.
- Francis, G. 1994. Labelling Discourse: An Aspect of Nominal-Group Lexical Cohesion. In: M. Coulthard (Ed.). *Advances in Written Text Analysis*. London: Routledge: 83-101.
- Halliday, M. A. K. & Hasan, H. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hobbs, J. R. 1985. On the Coherence and Structure of Discourse', Report No. CSLI-85-37. Center for the Study of Language and Information, Stanford University.
- Kehler, A. 2002. *Coherence, reference, and the theory of grammar*. United States: CSLI Publications.
- Kehler, A. 2002. *Coherence, Reference, and the Theory of Grammar*. United States: CSLI Publications.
- Koch, I. G. V. & Travaglia, L. C. 2005. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez.
- Koch, I. G. V. 2004. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. G. V. 2005. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. G. V. & Elias, V. 2006. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto.
- Lopes, A. C. M. & Carapinha, C. 2013. *Texto, coesão e coerência*. Coimbra: Almedina.
- Lopes, A. C. M. 2005. Texto e coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades*. 9(1/2): 13-33.
- Lopes, A.C.M. 2016. Discourse Markers. In: W.L. Wetzels et al. (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 441-456.
- Maignueneau, D. 1999. Ethos, scénographie, incorporation. In: R. Amossy (Ed.). *Image de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Lausanne: Délaux et Niestlé, 75-100.
- Mann, W. C. & Thompson, S. A. 1987. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization*. Marina del Rey, CA: Information Sciences Institute.
- Mann, W.C. & Thompson, S.A. 1988. Rhetorical structure theory: A theory of text organization. *Text*. 8: 243-281.
- Marques, M. A. 2014. Palavra de Presidente: construção da autoridade presidencial nos discursos de Abril. *Microficção*. 11: 297-311. Retirado da Internet a 27-07-2020: revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/3134/2902
- Marques, M. A. 2018. Enunciação e referenciação. Os discursos de celebração de Abril. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*.7: 122-143. Retirado da Internet a 27-07-2019: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/6201>

- Marques, M. A. 2019. Référentiation et conflit. À propos de la signification du terme "geringonça". In: I. Seara & I. Marques (Orgs.). *L'implicite dans les langues romanes: Langues, Textes et Discours*. Lisboa: Universidade Aberta, 55-65.
- Mendes, A. 2013. Organização textual e articulação de orações. In: E.P. Raposo et al. (Ed.s). *Gramática do Português*. Vol. II. Lisboa: FCG, 1691-1758.
- Miranda, F. 2010. *Textos e Géneros em Diálogo: Uma Abordagem Linguística da Intertextualização*. Lisboa: FCT/FCG.
- Miranda, F. 2017. Análise Interlinguística dos Géneros Textuais: Contributos para o Ensino e a Tradução. *DELTA*, 33(3): 811-842. Retirado da Internet a 17-06-2020: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v33n3/1678-460X-delta-33-03-00811.pdf>.
- Oliveira, F., Cunha, L. F. & Silvano, P. 2010. Relações retóricas em textos: a contribuição do aspeto. *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies* – Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. 5: 277-292.
- Oliveira, F., Silva, F., Silvano, P., Leal, A., Cunha, L.F. & Ferreira, I. 2016. O poder do discurso do poder político. Comunicação apresentada no *JADIS VI* (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 26-28/10/2016).
- Oliveira, F., Silva, F., Leal, A., Silvano, P., Cunha, L.F. & Ferreira, I. 2017. Beyond discourse markers: other mechanisms of textual cohesion. Comunicação apresentada no *GRATO 2017* (Universidade Nova de Lisboa, 28-30/6/2017).
- Prévot, L, Vieu, L. & Asher, N. 2009. Une formalisation plus précise pour une annotation moins confuse: la relation d'Élaboration d'entité. *Journal of French Language Studies*. 19: 207-228.
- Prévot, L., Vieu, L. & Asher, N. 2009. Une formalisation plus précise pour une annotation moins confuse : la relation d'Élaboration d'entité. *French Language Studies*. 19: 207-228.
- Ramos, R. 2014. O discurso da liberdade na pós-revolução. Análise de um discurso comemorativo do 25 de abril em 1977. *Microficção*. 11: 273-295 Retirado da Internet a 20-05-2020: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/3133/2901>.
- Rosa, R. 2020. *A Noção de Padrão Discursivo: Textos e Géneros em Análise*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Schwarz, M. 2000. *Indirekte Anaphern in Texten*. Tübingen: Niemeyer.
- Silva, F. 2006. *Contributos para a Descrição da Anáfora Associativa em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Porto: FLUP.
- Silva, P. N. 2016. Género, conteúdos e segmentação: em busca do plano de texto. *Diacrítica*. 30(1): 181-221. Retirado da Internet a 25-06-2020: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672016000100009

- Silvano, P. 2011. *Temporal and rhetorical relations: the semantics of sentences with adverbial subordination in European Portuguese*. Dissertação de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.
- Silvano, P., Oliveira, F. & Coelho, A. 2018. A relação retórica de Elaboração: subtipos e caracterização semântica. In: J. Veloso, J. Guimarães, P. Silvano & R. Silva (Eds.). *A Linguística em Diálogo. Volume Comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto.*: Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Centro de Linguística da Universidade do Porto, 495-478.
- Soares, S. M. J. 2019. *Para preencher o défice de esperança... um discurso de afetos: análise retórico-discursiva e contrastiva dos discursos do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e dos seus antecessores*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Taboada, M. 2006. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*. 38: 567-592.
- Taboada, M., & Das, D. 2013. Annotation upon annotation: Adding signalling information to a corpus of discourse relations. *Dialogue and Discourse*. 4(2): 249-281.
- Van Dijk, T. A. 1980. *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction, and Cognition*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Van Dijk, T.A. 1997. What is political discourse analysis? In: J. Blommaert & C. Bulcaen (Eds.). *Political linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 11-52.